



No Centenário de Cunha, uma (re)visão de Euclides

Escreveu Samuel Putnam que a obra de Euclides da Cunha é única, no gênero, na literatura brasileira e na literatura universal. A afirmativa do tradutor de *Os Sertões* para o inglês resulta correta, não só pela leitura do texto euclidiano, como pelo culto ao autor de *À margem da História*, e que tem como ponto de irradiação a Casa Euclidiana, instalada em São José do Rio Pardo. O relato sobre Cunha foi concebido e escrito nessa cidade do interior de São Paulo, onde Euclides viveu três dos mais férteis anos da sua vida, a supervisionar os trabalhos de reconstrução de uma ponte sobre o rio Pardo, e a rever as notas e a correspondência enviada ao Jornal *O Estado de São Paulo*, ponto de partida para a elaboração do imenso painel sobre um dos mais controvertidos episódios da vida nacional.

Deve-se aos riopardenses o culto a Euclides da Cunha e a eles cabe o mérito da divulgação, no País e no Exterior, do autor de *Contrastes e confrontos*. De um grupo de amigos de São José do Rio Pardo, especialmente Francisco Escobar, Euclides da Cunha recebeu o estímulo e a colaboração solícita que o animaram a escrever e publicar *Os Sertões*.

São José do Rio Pardo foi fundada em 1870. Em breve começou a se fazer notada no Estado pela participação dos seus municípios nas campanhas abolicionistas e republicanas. Antigo núcleo de emigração italiana, parece que nela o espírito de Garibaldi se fixou para sempre.

O culto a Euclides da Cunha objetiva tornar conhecido, em todas as camadas sociais, o pensamento do escritor, do pensador e do sociólogo, cuja visão científica, rigorosa mesmo, de certos aspectos da realidade brasileira, ainda permanece atual. Euclides da Cunha viu o Nordeste numa perspectiva desassombradamente lúcida e consciente. Participou de movimentos político-sociais como ativista ou simples espectador.



O conhecimento que possuía da filosofia e da crítica científica alemã e francesa era bastante preciso. Será essa a matéria-prima de que se valeria para interpretar o sertão e contar o drama de Canudos. Faz um estudo sério, o primeiro a aparecer na literatura brasileira, em que estão presentes a geografia, a antropologia, a sociologia e a etnografia. A esses elementos acrescenta-se o seu exuberante talento de escritor e artista. *Os Sertões* formam um amplo cenário onde se mesclam os conhecimentos da vasta e árida região nordestina, o drama do homem em luta permanente com o meio hostil, a campanha de Canudos e os contrastes entre as duas civilizações, a do litoral e a do interior, tudo isto narrado e contado com beleza e sabor épicos.

Embora nascido em Cantagalo, no Estado do Rio, foi em São José do Rio Pardo que Euclides escreveu o seu “livro vingador”. A permanência numa pacata cidade do interior, cercada pelas montanhas, induziram-no a elaborar *Os Sertões*, que resultariam dos seus apontamentos da viagem à Bahia, dos artigos no *Estado de São Paulo*, sob o título *A nossa Vendéia*, e do inestimável auxílio que, através de obras emprestadas, de traduções de artigos e compêndios, lhe proporcionaram os amigos de Rio Pardo.

Construiu Euclides uma cabana às margens do rio Pardo, erguida sob a sombra de uma paineira, para ter local onde pudesse dirigir os trabalhos de restauração da ponte e passar a limpo as notas sobre a campanha de Canudos, bem como ler, sossegadamente, os livros que lhe traziam Escobar, José Honório de Sylos, Paschoal Artese e Jovino de Sylos.

Será a Francisco Escobar, Presidente da Câmara Municipal, a quem se ligará por laços mais afetivos e duradouros. É Escobar ainda que consegue mandar passar a limpo os originais de *Os Sertões*, por um sargento de polícia, dono de boa letra, confessa Venâncio Filho. Ao concluir o livro estavam também terminados os trabalhos da ponte. Euclides construiria junto a um dos pegões uma ilha artificial, e à maneira do arquiteto de Herculano*, informa o seu biógrafo, quisera ficar, romanticamente, sob a ponte, para ser por ela esmagado, caso ruísse.



A barraca de Euclides permanece intacta, protegida por um abrigo de alvenaria e vidro levantado em 1912. Da paineira pouco resta, apenas o velho tronco carcomido, quase vencido, como não querendo arredar o pé do abrigo de sarrafos e zinco que alojara o escritor durante longos estios.

Nos anos vividos em Rio Pardo há, entre outros, um fato curioso na vida de Euclides da Cunha. É a sua adesão à vida política, através de manifesto por ele escrito, de caráter socialista, divulgado a 1.º de maio de 1889. Tanto o manifesto como o programa que o acompanhava, de vinte e um itens, foram publicados no *O proletário*, órgão do Clube Democrático Internacional “Filhos do Trabalho”, de São José, naquela data. Esboçara-se em Rio Pardo, ao lado da pregação republicana, a organização de um partido socialista que contou com a colaboração de alguns amigos de Euclides e dele próprio.

Na prática, a experiência política de Euclides parece ter sido reduzida à programática socialista, divulgada em Rio Pardo. Escobar, mais tarde, tentou levantar a candidatura do Euclides à Câmara, como Deputado por Minas Gerais. O Barão do Branco, a quem Euclides servia no Ministério, apoiou-a. Mas não foi o suficiente para vencer a oposição dos políticos mineiros, que não concordaram com aquela nova candidatura, por não ser Euclides mineiro.

Os originais de *Os Sertões* já estavam prontos em maio de 1901, mas só dois anos depois serão lançados a público pelos editores Laemmert & Cia. De fato, em agosto de 1902 Euclides terá uma grande alegria: os entendimentos com os seus editores. Confessa o autor: “Felizmente os frios alemães receberam-me num quase entusiasmo, e, quebrando o antigo desalento, quase prevêem um sucesso àquelas páginas despreziosas”. Nessa altura passa a residir em Lorena.

O ano de 1902 foi frutífero, Euclides em novembro revê as últimas provas do seu livro vingador, que é, finalmente, publicado. Escreve os *Relatórios sobre as ilhas dos Búzios e da Vitória* após reconhecimentos efetuados *in loco*, tão trabalhosos e fatigantes como viagens que empreendera pelo vale do Paraíba,



de que resultaria o famoso artigo *Viajante*, mais tarde mudado para *Entre as ruínas*, acerca daquela região.

Nos anos seguintes, Euclides realiza a esperada viagem ao alto Purus, a serviço do gabinete de Rio Branco. Percorre a Amazônia com o mesmo interesse com que atravessou os sertões da Bahia, pesquisando e investigando, colhendo, paralelamente à sua missão, subsídios para o seu segundo projetado livro vingador. Não logrou escrevê-lo, mas deixou publicados importantes artigos que ainda hoje fornecem informações interessantes sobre a Amazônia.

No retorno ao Rio de Janeiro continua adido ao gabinete do Ministro Rio Branco. Em 1906 publica o *Relatório sobre o Alto Purus* e toma posse na Academia Brasileira de Letras.

Em 1907 vê editado em Portugal o volume *Contrastes e confrontos*. A casa editora Lello & Irmão publica, dois anos depois, o livro póstumo de Euclides. *À margem da História*. O Bruno de que fala Euclides é o escritor português José Pereira de Sampaio, jornalista, filósofo e Diretor da biblioteca Municipal do Porto. Entre outros livros, Bruno, pseudônimo de José Sampaio, escreveu *Brasil mental*, que mereceu extensa apreciação crítica de Euclides, através de artigos publicados em São José do Rio Pardo, em julho de 1898.

Em 1908 ainda está no Itamarati a retificar, projetar e esboçar mapas, um geral, vários regionais no Purus, do Juruá, do Acre, da Lagoa Mirim. É envolvido nesse ano num incidente diplomático por Zeballos, chanceler argentino, mas desfaz todas as intrigas publicando as cartas que deste recebeu e exigindo-lhe a publicação das suas. Prepara-se para o concurso à cadeira de Lógica do Colégio Pedro II.

A 12 de fevereiro escreve a Escobar acerca da vinda do amigo ao Rio de Janeiro, relata-lhe alguns problemas domésticos. Ironiza alguns aspectos da vida carioca prometendo dar “pasto à nossa velha ironia ansiosa por enterrar-se nos cachacos gordos de alguns felizes malandros que andam por aí *fonfonando* desabaladamente, de automóvel, ameaçando atropelar-nos a nós



outros, pobres altivos doidos que teimamos em andar nesta vida, dignamente, pelo nosso pé”.

A 8 de abril fala a Escobar sobre a sua viagem a Rio Pardo, num tom de comovida saudade em que assombra a lembrança da barraca de sarrafos e zinco, a preferir o sossego da cidadezinha paulista ao bulício da capital, que considera inviável para se estudar e escrever.

O Itamarati não deixa ao escritor vagar para nada, suas funções de cartógrafo a serviço de Rio Branco enchem-lhe a mesa de novas solicitações. Pede em carta ao amigo Escobar que silencie sobre a sua candidatura a deputado. Reconhece que a reserva é a melhor conselheira; e pede aos amigos para que nada se propague. Escreve às pressas, numa sala do Palácio, “onde três gárrulos diplomatas conversam desabaladamente sobre coisas maravilhosas de Paris e Viena”.

O ano corre rapidamente, entre o trabalho no Ministério, a numerosa correspondência, as colaborações para os jornais, os problemas familiares e a doença.

Em 1909 vence o concurso para o Colégio D. Pedro II e dá algumas aulas. Escreve ainda aos editores Lello & Irmão acerca do novo livro que virá a lume, *À margem da História*. Ainda tem tempo para rever as provas, que devolve com uma carta a 25 de julho: “Felizmente o revisor de V. S.^a não procede mecanicamente, como quase todos, é realmente homem inteligente e acautelado – como demonstram as últimas provas que revi”.

Não tornou a Rio Pardo, nem aos amigos fiéis – Escobar, Lafayette de Toledo, Adalgiso Pereira, José Honório, Paschoal Artese e Jovino de Sylos, – nem tampouco à barraca de sarrafos e zinco, onde poderia gozar do sossego e tranqüilidade que sonhava. Um mês depois, a 15 de agosto, num domingo chuvoso e frio, revistas as últimas provas de *À margem da História*, e sem ter concluído o seu último artigo para o *Jornal do Brasil* sob o título *Um atlas do Brasil*, Euclides é morto na casa n.º 214, da Estrada Real de Santa Cruz, Estação



da Piedade, hoje Quintino Bocaiúva, subúrbio do Rio de Janeiro. Tinha 43 anos de idade e caía vítima de uma tragédia esquiliana.

O PENSAMENTO DE EUCLIDES

“Os Sertões”

“Escrevi este livro para o futuro. Levado por um conjunto de circunstâncias a que não pude ferrar-me, a assistir a um doloroso drama da nossa história e escrevendo-o com a mesma serenidade estoica de Tucídides (...) sem dar crédito às primeiras testernunhas que encontrei nem às minhas impressões pessoais, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras” (De um Caderno íntimo, Lorena, 1902).

Seu estilo:

“Por velho ou esquecido, não perde para mim a força de expressão que eu procuro no vocábulo. Que me importa, a mim, que o leitor estaque na leitura corrente, se a expressão que lhe dou com esse termo esquecido é a mais verdadeira, a mais nítida, e, em verdade, a única que eu lhe queria dar?” (Carta a Sílvio Rabelo).

O Sertanejo:

“O homem do sertão tem, como é de prever, uma capacidade de resistência prodigiosa e uma organização potente que impressiona. Não o vi ainda exausto pela luta, conheço-o já, porém, agora em plena exuberância de vida. Dificilmente se encontra um espécime igual de robustez e energia indômita”. (Em *Canudos - Diário de uma expedição*).

Os sitiados de Canudos:

“Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu



até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”. (Em *Os Sertões*, VII, Cap. VI).

O ideal democrático:

“Realmente, o ideal democrático, bem que o favorecesse a falta de tradições dinásticas, jazeu largo tempo com o único e longínquo ponto de partida da Inconfidência Mineira, alimentando-se da lembrança dolorosa do heroísmo inútil de meia dúzia de poetas e de um soldado.” (Conferência no Centro XII de Agosto, Rio de Janeiro, 1907).

Justiça social:

“O advento da mais nobre e fecunda das aspirações humanas: a reabilitação do proletariado pela exata distribuição da justiça, cuja fórmula suprema consiste em dar a cada um o que cada um merece (...) Para esse fim é mister promover a solidariedade entre todos os que formam a imensa maioria dos oprimidos sobre quem pesam as grandes injustiças das instituições e preconceitos sociais da atualidade.” (Em *O proletário*, São José do Rio Pardo, 1.º/5/1889).

As reformas:

“Realmente, as catástrofes sociais só podem provocá-las as próprias classes dominantes, as tímidas classes conservadoras, opondo-se à marcha das reformas – como a barragem contraposta a um corrente tranqüila pode gerar a inundação. Mesmo neste caso, porém, a convulsão é transitória; é um contrachoque ferindo a barreira governamental.” (Em *Contrastes e confrontos*).

**A revolução:**

“Porque a revolução não é um meio, é um fim; embora, às vezes, lhe seja mister um meio, a revolta. Mas esta sem a forma dramática e ruidosa de outrora. As festas do primeiro de maio são, quanto a este último ponto, bem expressivas. Para abalar a terra inteira, basta que a grande legião em marcha pratique um ato simplíssimo: cruzar os braços...” (Em *Contrastes e confrontos*).

A crítica:

“O meu fim aqui é reagir contra a invasão dos analfabetos da arte e que tentam tudo destruir, animados da triste coragem da ignorância; é dizer-lhes que nas páginas de um livro se reflete toda a alma de um prosador, toda a sua sensibilidade e toda a sua delicadeza, e que portanto atacá-lo irrefletidamente, às cegas, sobre ser estúpido é criminoso.” (Em *Revista da Escola Militar*, Rio de Janeiro, 1888).

O conformismo:

“Num país em que toda a gente acomoda a sua vidinha num cantinho de secretaria, ou numa aposentadoria, eu estou, depois de haver trabalhado tanto, galhardamente, sem posição definida! Reivindico, assim, o belo título de último dos românticos, não só do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitários.” (Carta a Oliveira Lima, s. d., 1909).

A grandeza humana:

“O que apelidamos grande homem é sempre alguém que tem a ventura de transfigurar a fraqueza individual, compondo-a com as forças infinitas da humanidade.” (Em *Outros contrastes e confrontos*).